

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

A SUBJETIVIDADE NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: ENFOQUES, SENSO COMUM, COMPLEXIDADES, SUPERAÇÕES ...

Rogério Zanon da Silveira¹

RESUMO

Notadamente a partir dos anos 2000, o tema da subjetividade vem galgando espaços no campo dos estudos organizacionais no Brasil, ainda que a hegemonia da objetividade seja latente. E ainda que o avanço desses estudos possa ser considerado tímido. Este texto, desenvolvido na forma de ensaio teórico, se insere no contexto dessa discussão e se orienta pela seguinte pergunta: que enfoques e desafios permeiam o uso da subjetividade em pesquisas em administração? O objetivo é entremostrear buscas por superação de complexidades na adoção da subjetividade nos estudos organizacionais no Brasil, tomando-se como base, principalmente, a experiência que tive na adoção do enfoque histórico-cultural de sujeito e subjetividade. Em busca de respostas, são estudadas quatorze teses e dissertações de programas de pós-graduação em administração no Brasil. As reflexões desvelam dificuldades associadas principalmente à conceituação de subjetividade e complexidades e alguns descuidos em sua adoção na interpretação das informações obtidas em campo. Os estudos indicam que a subjetividade vem sendo empregada em diferentes enfoques da psicologia, mas também num sentido provindo do senso comum, próximo ao significado de agir tendencioso ou parcial. A partir de experiência pessoal na produção de uma dissertação de mestrado e de uma tese de doutorado, distingo a subjetividade numa perspectiva histórico-cultural, apresento seus princípios e conceitos básicos e discorro sobre superação de desafios e dificuldades em sua adoção em pesquisas organizacionais.

Palavras-chave: Subjetividade, Epistemologia Qualitativa, Estudos Organizacionais.

Caminhos da subjetividade nos estudos organizacionais no Brasil

Uma das ações concretas de introdução do tema da subjetividade no Brasil deu-se na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGADM/UFES), logo no início de suas atividades em 2000. Deu-se em sua primeira turma de mestrado em administração, com a ideia de articular os temas “novas tecnologias de gestão e subjetividades”, ou melhor, trabalhar com o tema novas tecnologias de gestão sob a ótica da subjetividade. A ideia era gerar espaços de reflexão crítica da ação humana em organizações, por meio de temas como economia política do poder, aprendizagem, simbolismos, aprendizagem, gestão de pessoas, dentre outros temas (BRASIL, 2016).

¹ rsilveira@sefaz.es.gov.br

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Notadamente a partir dos anos 2000, o tema da subjetividade vem galgando espaços no campo dos estudos organizacionais no Brasil, ainda que a hegemonia da objetividade seja latente. E ainda que o avanço desses estudos possa ser considerado tímido. Este texto, desenvolvido na forma de ensaio teórico, se insere no contexto dessa discussão e se orienta pela seguinte pergunta: que enfoques e desafios permeiam o uso da subjetividade em pesquisas em administração? O objetivo é entremostrear buscas por superação de complexidades na adoção da subjetividade nos estudos organizacionais no Brasil, tomando-se como base, principalmente, a experiência que tive na adoção do enfoque histórico-cultural de sujeito e subjetividade. Para fins deste ensaio, foram pesquisados artigos no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) (BRASIL, 2016) na área da administração, com o uso da palavra-chave “subjetividade”. Foram quatorze os trabalhos encontrados defendidos e publicados no período de 2011 a 2015.

Naquele ano de 2000, em Vitória, eu estava concentrado em aprofundar conhecimentos em minha área de formação, num mestrado em contabilidade, mas o tema da subjetividade num mestrado em administração chamara minha atenção e desde seu início passei a me aproximar por meio de leituras e alguns eventos ao público no programa de pós-graduação da UFES. Assim, passaram-se oito anos até que eu ingressasse no Programa em 2008. À medida que ia me aprofundando no tema da subjetividade, mais crescia meu interesse, e mais aumentava meu desapontamento com programas e estudos anteriores pelos quais passei, que desconsideravam a pesquisa a partir de viés qualitativo ou subjetivo. Contingência, não estava sozinho nesse barco.

No filme “O homem que viu o infinito”, é possível observar rasgos dessa divisão epistemológica entre objetividade e subjetividade, de suas origens, ranços e consequências desastrosas para a ciência. Quanto pode ter sido perdido em termos de ciência, e o quanto ainda se perde, pela desconsideração do qualitativo? O filme, lançado em 2016, conta a história do matemático indiano autodidata, Srinivasa Ramanujan (1887-1920), que deu contribuições significativas à ciência matemática, que fizeram com que fosse comparado a Isaac Newton, ou cuja genialidade a Mozart ou Picasso. Um acaso histórico para a ciência, que poderia perfeitamente ter sido perdido devido a dogmas metodológicos. No filme, é evidenciado não a riqueza teórica que construiu no campo da matemática, assombrosa, mas a forma enigmática com que ele fazia suas construções teóricas e como chegava aos resultados por vias diferentes dos métodos formais de pesquisa acadêmicos na universidade para onde foi, na Inglaterra.

Seu método era fora do convencional para a academia na época e, por que não, para os dias de hoje. A todo momento, o professor que “escutara” suas cartas e o convidara para desenvolver seus estudos na Inglaterra, G.H. Hardy, exigia de Ramanujan “provas” de que determinada equação ou resultado matemático a que chegara estava corretamente fundamentado. Precisava delas para dar satisfação a seus pares professores, mas também satisfazer a si próprio. Exigia dele as provas de como chegou ao seu conhecimento por meio de processos matemáticos de pesquisa convencionados na universidade. Em síntese, exigia dele descrição pormenorizada de todo o processo de cálculos que havia feito até chegar ao resultado obtido, o que consistia em descrever páginas e mais páginas de cálculos matemáticos desde o enunciado do problema até sua solução. Algo que deixava Ramanujan profundamente irritado.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Assisti agora a esse filme, neste ano de 2017, e foi instantâneo voltar aos anos do mestrado em contabilidade quando busquei provar, por meio da matemática, o “nível de conscientização de alunos do segundo grau acerca do significado do tributo”. Foram questionários e mais questionários, quatrocentos ao todo, uma espécie de número mágico da estatística para execução de pesquisas baseadas na estatística. Tabelas e mais tabelas. E um quadro jururu na memória de alunos sentados em fileiras, obedientes, silenciosos, um pouco pasmados, tentando responder racionalmente aquelas perguntas que eu havia elucubrado. Ao final, consegui “provar” o que queria, a hipótese, e responder ao problema de pesquisa, convencendo a todos de que as respostas ao problema estavam formalmente corretas, já que havia aplicado métodos estatísticos sancionados pela ciência, além de ter me mantido neutro na pesquisa.

Gosto desse trabalho, mas se voltasse preferiria ter perguntado diretamente àqueles alunos, conversado com eles, ainda que não pudesse fazê-lo com quatrocentos. Se pudesse voltar, teria “indagado o sujeito”. Sinto não ter guardado uma fala, uma expressão sequer, o rosto ou ao menos o nome de um único deles, apenas os nomes dos profissionais de estatística que ajudaram na pesquisa. Era preciso ser assim, pois poderia colocar em risco a neutralidade do pesquisador. Não eram sujeitos de pesquisa, mas unidades de análise. Sinto não os ter em mente, como guardo recordações memoráveis de momentos e de pessoas que participaram de algumas pesquisas qualitativas comigo em anos recentes.

Vertendo para o campo dos estudos organizacionais, no caso de Ramanujan, significaria cobrar do pesquisador o registro “matemático” para provar o resultado que encontrou para determinado problema. Provar matematicamente, por exemplo, por meio de questionários, tabelas e gráficos, “por quê a gestão metropolitana não sai do papel”, como perguntado por Barbosa (2010). Ou sentidos da participação no trabalho, como o fiz (SILVEIRA, 2010). No filme, na primeira vez em que foi perguntado sobre como desenvolvia suas reflexões matemáticas, Ramanujan respondeu com o mesmo ar de perplexidade do professor que o indagara: não sei! Resposta que responderia mais algumas vezes, às vezes parecendo tentar responder a si mesmo.

Lá se vão mais de vinte anos desde que os professores Miguel e Roberto (CALDAS e FACHIM, 2005) alertaram sobre a relação entre o crescimento dos estudos organizacionais no Brasil e a adoção do que chamavam de uma “ortodoxia funcionalista. Ao longo desse período, como já é bem explorado, os estudos organizacionais cresceram significativamente no Brasil, no entanto, com base principalmente nessa “ortodoxia”: no funcionalismo. Os dois professores atribuíam essa situação à falta de conhecimento sobre alternativas epistemológicas e metodológicas ao funcionalismo. O que se pode dizer, falta de conhecimentos alternativos a pensamentos com orientação fincada na objetividade. Abordagens sob a lente interpretativa, abrigo da subjetividade, vêm crescendo no Brasil desde a década de 1970, acompanhadas de estudos críticos e pós-modernos que se expandiram principalmente após a década de 1980.

Essencialmente, o interpretativismo confronta o objetivismo enraizado na doutrina funcionalista, “enquanto a vertente crítica combate sua inclinação à regulação e à manutenção da ordem social, ou seja, a sua falta de engajamento em prol da mudança social”, como expõem Vergara e Caldas (2005, p. 66) (SILVEIRA, 2013).

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Nas circunstâncias desse debate objetividade versus subjetividade; manutenção versus mudança da realidade social; estão teorias e metodologias que não foram suficientemente assimiladas como alternativas ao objetivismo e ao funcionalismo na área de administração. Os professores ingleses Burrell e Morgan (1979) contribuíram para a compreensão dessa dicotomia nos estudos organizacionais, ao tipificarem visões de mundo diferentes utilizadas nas pesquisas em administração, visões que colocavam em lados opostos objetividade e subjetividade; mudança social e regulação ou manutenção de ordem, temas que abordei em trabalhos anteriores (SILVEIRA, 2013).

A “subjetividade” nos estudos organizacionais: enfoques, senso comum, dificuldades,

...

A partir de teorias de outros campos das ciências sociais, como da psicologia, principalmente, pesquisadores no campo da administração têm lançado mão da ideia de subjetividade em diferentes concepções, como é possível observar por meio de visita a dissertações e teses em administração nos últimos anos. É possível observar dificuldades ou mesmo apuros na vida dos pesquisadores na adoção de concepções diferentes no campo da subjetividade. A passagem por esses trabalhos possibilita uma noção aproximada dos diferentes usos da subjetividade.

Ana Aldivonir (LOPES, 2015), a partir de uma concepção de subjetividade que associa estudos críticos e psicologia, mostrou que a cooperação entre empregados e empregadores se dá na base da coerção por parte do empregador “e em relações de dominação e exploração nitidamente explícitas” (LOPES, 2015, Resumo), tema que, como destaca, constitui objeto de estudos de alguns pesquisadores brasileiros, como Alves (2007); Davel e Vergara (2001; 2005); Horst *et al* (2011); Faria e Meneguetti (2007); Lima (1994); de onde tem saído discussões em torno do “sequestro da subjetividade” (FARIA, MENEGHETTI, 2007; HORST *et al*, 2011); da “captura da subjetividade” ou de uma “intersubjetividade no trabalho (ALVES, 2007, 2008), entre outros” (LOPES, 2015).

A palavra subjetividade também tem sido utilizada num significado que advém do senso comum, se aproximando de noções de pessoalidade, tendenciosidade, parcialidade, particularidade, opinião pessoal, entre outras. Tomemos como exemplo a dissertação de mestrado de Rocha (2015), que aborda o tema gestão por competências. Em sua pesquisa, a palavra subjetividade aparece seis vezes com esses sentidos, como mostram os trechos seguintes:

inerente a estes sistemas certo grau de subjetividade. Dessa subjetividade derivam as maiores críticas ao modelo por competências [...] (ROCHA, 2015, p. 30); “Outras dificuldades que permeiam esses procedimentos são o excesso de subjetividade” (ROCHA, 2015, p. 35); [...] “A literatura apresenta numerosas vantagens na utilização de sistemas de gestão por competências, enquanto a maior crítica está relacionada ao seu alto nível de subjetividade (ROCHA, 2015, p. 35).

Num viés parecido ao de Rocha (2015), Liberato (2015), também faz uso da palavra subjetividade num sentido de pessoalidade ou individualidade. A palavra aparece treze vezes em sua dissertação de mestrado e alguns trechos indicam o sentido que quer dar a ela. Por exemplo, cita Brandão (2008) para dizer que a avaliação com base em comportamentos envolve certa subjetividade, na medida em que essa avaliação é baseada

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

na observação do avaliador a respeito da pessoa avaliada. Crítica análoga a que Rocha (2015) fez sobre a gestão por competências, Liberato (2015, p. 42) faz sobre a avaliação de desempenho: “Contudo, não há dúvidas de que a maior crítica em relação à Avaliação de Desempenho está na sua subjetividade”. A pesquisadora menciona Berbami e Beraldo (1988) para dizer que a busca pela objetividade na avaliação de desempenho incrementou o desenvolvimento de critérios estatísticos mais sofisticados com a intenção de neutralizar a subjetividade na avaliação. É possível observar que, ainda que tratada como dicotomia em relação à objetividade, há a ideia de que a subjetividade pode ser neutralizada por meio da adoção de critérios matemáticos. Ideia parecida a de que a subjetividade pode ser “sequestrada” ou “capturada”.

Ideias parecidas vão surgindo no trabalho de Liberato (2015), como as de amainar a subjetividade, minimizar a subjetividade do avaliador, contar com menor tendenciosidade e subjetividade, subjetividade e injustiças na avaliação, entre outras. Num viés também parecido, José Antônio (SÁ, 2013), investiga o uso da intuição como aspecto facilitador no processo de tomada de decisão em empresas familiares. Uma das respostas é de que as decisões são tomadas a partir de bases objetivas ou racionais e subjetivas, ou seja, subjetividade no sentido de pessoalidade ou intuição. Sérgio Augusto (FILHO, 2015), também investiga problemas associados ao tema da decisão na concessão de créditos, buscando desenvolver indicadores que afastem a subjetividade do processo decisório. Costa (2013) pesquisa o tema decisão estratégica nas organizações, e também usa a palavra subjetividade num senso comum, como no trecho: “Foi então realizado um workshop com os tomadores de decisão para o exercício das Trocas Justas, oportunidade em que foi possível aplicar a intuição e a subjetividade do grupo para o alcance da decisão” Costa (2013, p. vii).

Buscando contribuir com um aporte para os estudos organizacionais marxistas, a professora Renata (PINTO, 2014), que entre seus focos de estudo estão os movimentos sociais e minorias, relações de trabalho, poder e violência, procura responder “como se apresenta a relação objetividade-subjetividade no primeiro volume de O capital?”. A professora defende a relevância dessa pergunta pelo fato de que, no campo dos estudos organizacionais, mesmo para os pesquisadores com afinidades marxistas (acostumei-me a dizer marxianas, por razões que nos explicava a professora Ester), há desconsideração do “aspecto subjetivo no pensamento marxiano ou o consideram nada desenvolvido, buscando outras bases para suprir esta suposta lacuna” (PINTO, 2014, p. 9).

Esses trabalhos vistos até aqui, mostram enfoques da subjetividade a partir de estudos críticos e de embasamentos marxianos. E mostram também o uso da subjetividade a partir do senso comum, ou seja, a partir de entendimento adquirido no convívio, de experiências de vida, sem embasamentos teóricos mais aprofundados sobre a subjetividade. Considero razoável dizer que, em anos mais recentes, aportes significativos da subjetividade nos estudos organizacionais tenham origem na psicanálise, a partir de interpretações dos estudos de Freud. Difícil tentar significar psicanálise em poucas palavras, sem o risco de incorrer em desvios ou mesmo erros.

Uma ideia central na psicanálise pode ser apresentada como a compreensão de que o comportamento e o sentimento humano são influenciados por razões inconscientes. Seria o caso, então, de acessar essa dimensão do inconsciente, por meio de investigação e associações das falas e expressões da pessoa objeto da análise por parte do psicanalista.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Ao longo de seus estudos, Sigmund Freud foi construindo conceitos e definições para servirem de base para o alcance dessa zona que é o objeto da psicanálise: o inconsciente. Conceitos amplamente difundidos, como id, ego e superego. Há que se falar da centralidade da sexualidade nas teorias freudianas e de inúmeros termos psicanalíticos nos estudos de Freud. Márcia que me corrija.

O caso aqui não é abordar com profundidade a psicanálise, mas mencionar sua dimensão para o aporte da subjetividade nos estudos organizacionais. Como exemplo, o estudo da professora Ludmila (GUIMARÃES, 2014), que procurou compreender vivências e construções subjetivas de executivos que influenciaram suas escolhas ao longo de suas trajetórias profissionais. Ludmila lança mão de “entrevistas transferenciais”, que, como explica, trata-se de técnica baseada na experiência psicanalítica, metodologia que, ela mesmo reconhece, ser pouco convencional e ainda não trabalhada no campo das ciências sociais aplicadas. A intenção de Ludmila, como revela, é contribuir para a abertura de possibilidades de perspectivas de análise da subjetividade não restritas apenas a aspectos comportamentais.

Da psicologia social também vem aportes significativos na adoção da subjetividade nos estudos organizacionais. A administradora Clara Luísa (SILVA, 2013, p. 24), em sua dissertação de mestrado, busca aporte na subjetividade para compreender simbolismos num centro de ressocialização feminino: “subjetividades, culturas e lugares atrás das grades”, como intitula sua pesquisa. Primeiramente, provoca com a pergunta: “mas, afinal, o que é subjetividade?”. Antes de introduzir seu trabalho e sua preferência por uma corrente de pensamento, Clara Luísa faz um passeio por diferentes enfoques de subjetividade. Lembra, de início, e citando autores como Berlinck (2000), González Rey (2003) e Bock e Gonçalves (2005), os marcos da afirmação do homem como sujeito agente situado em seu próprio eixo, ou o homem como sujeito individual, racional e natural, marcos do advento da ciência moderna e das primeiras fases da economia capitalista. A autora vai passando assim por um enfoque e outro, inclusive na observação da professora Ana (PAES DE PAULA, 1994) sobre críticas que são feitas a teorizações de Karl Marx sobre a subjetividade humana, afastando-se da ideia de autores que julgam que o quadro teórico com predominância da economia desenvolvido por Karl Marx torna pobre o entendimento da consciência humana na história.

A despeito dessas passagens, Clara Luísa já deixara no início de seu trabalho prenúncios de sua opção epistemológica de subjetividade, fazendo referência a González Rey (2003): “Contudo, o que se defendeu desde o início desta pesquisa é que o sujeito busca, de maneira contínua, alternativas para viver no contexto dos espaços sociais, alternativas que são percebidas como manifestações de um sujeito reflexivo” (SILVA, 2013, Resumo). Tal opção, lhe permite antecipar com segurança respostas a sua preocupação com a situação das pessoas que escolheu para ajudá-la no desenvolvimento de sua pesquisa: pessoas “no espaço social do centro de ressocialização feminino”. Clara Luísa compreendeu que aquelas pessoas

resistem às tentativas de mobilização e controle de suas produções de sentidos, os sujeitos exercem seu potencial (re)criador diante de processos ou práticas de cunho normalizador, ou de outro modo, foram identificadas algumas táticas subversivas (CERTEAU, 1998) aos princípios constituintes do que se chamaria de ordem social na organização pesquisada, bem como algumas táticas de

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

oposição do sujeito às condições de seu próprio aprisionamento (SILVA, 2013, Resumo).

Pessoas criando alternativas. Numa oportunidade para conversarmos, concordaria com Clara Luísa. Aquelas mulheres podem estar restritas em sua liberdade física, em suas carnes e ossos, mas sua subjetividade não pode ser aprisionada, sequestrada ou controlada. Na perspectiva de sujeito e subjetividade preferida por Clara Luísa, reside

[...] a noção de sujeitos compreendidos como seres humanos dotados de pensamento, criação, participação, emoção e linguagem (GONZÁLEZ REY, 2005); e de seres humanos ativos, reflexivos, políticos e criadores (CASTORIADIS, 2007). Ou, ao invés de sujeito, “[...] melhor falar em componentes de subjetivação trabalhando, cada um, mais ou menos por conta própria” (GUATARRI, 1990, p. 17), mas sempre na perspectiva de que “[...] somos todos sujeitos, já que é possível descobrir a marca do sujeito em todos os indivíduos” (TOURAINÉ, 2006, p. 129). (SILVEIRA, 2013).

E eis que aparece a tentativa “arriscada” de aproximação dos simbolismos em Pierre Bourdieu com a ideia de subjetividade. É que Fábio (BRAGA, 2013), perito criminal, vai ao “campo” criminalístico para buscar compreender elementos do *habitus* que compõem Peritos Criminais. Ainda que este texto se trate de um ensaio, o que permite pensamentos mais livres, prudente comentar um pouco sobre relação que Fábio faz entre objetividade e subjetividade a partir dos *constructos* de Bourdieu de campo, capitais e *habitus*. Pode ser que aos olhos de Clara Luísa, a partir de sua perspectiva de subjetividade, a situação dos peritos estudados por Fábio pudesse ser outra, além das “estruturas estruturantes” simbólicas que ele bem compreendeu nas comparações que fez entre comportamentos de Peritos Criminais e de Policiais. Para um pouco além das investigações de Fábio, que não constituem escopo de sua pesquisa, é possível notar em variadas expressões dos profissionais pesquisados rasgos da natureza de sujeito defendidos por Clara Luísa e, porque não, similitudes deles com a produção de subjetividade das mulheres de Clara Luísa, presas pela polícia. Assuntos para uma prosa entre Bourdieu e Castoriadis.

Difícil fazer conversar a subjetividade em uma perspectiva de autonomia com as estruturas simbólicas estruturantes pensadas por Bourdieu. Mas no estudo de Fábio (BRAGA, 2013), essas dimensões diferentes, por assim dizer, vão aparecendo nas falas das pessoas que participaram de sua pesquisa. O conjunto estrutural “bourdiano” é bem identificado por Fábio: o campo da criminologia; “os” *habitus* dos policiais e peritos criminais; as estruturas simbólicas estruturadas no campo que passam a operar nos peritos e policiais como estruturas simbólicas estruturantes, estruturas que vão organizar suas práticas e representações: “Guerra contra o crime, segregação, controle, seletividade, *underclass*, violência, corporativismo, atuações à margem das regras legais” (BRAGA, 2013, p. 46). Aparece a *doxa*, que são suas opiniões e crenças, elementos que “moldam, definem e explicam a cultura da organização Polícia”. Também a *hexis* corporal, componente importante do *habitus*. E assim vão aparecer os outros conceitos que formam a teoria do campo de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2004), teoria que dizem inspirada em suas observações na adolescência como jogador nos campos de *rúgbi*.

Mas nas expressões dos sujeitos que participaram da pesquisa de Fábio, é possível observar traços do sujeito reflexivo, autônomo, ativo, participativo, crítico: o “sujeito de Castoriadis”, como diz Aline (RIFFEL, 2016), ao discutir as contribuições significativas dessa concepção de sujeito para o processo educativo. Traços desse sujeito são vistos nas

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

mulheres de Clara Luísa, sujeitos tencionados pela subjetividade social no espaço em sociedade onde vivem. Mas ao mesmo tempo, sujeitos pressionando essa subjetividade social, resistindo, buscando mudá-la, aos seus modos e com os recursos que dispõem em suas celas físicas, como poderia sugerir González Rey (2003). De forma análoga, traços que podem ser vistos nos sujeitos peritos e policiais participantes da pesquisa de Fábio:

Não se pensa a instituição. Sempre achei isso um empecilho. Em cada unidade, depende muito do corpo que esteja naquela unidade (BRAGA, 2013, p. 67). [...] E de vez em quando retirar esse ranço de um perito tradicional que vem de uma época de vinculação com órgãos policiais repressores, ligados a uma ditadura, não é tão simples (BRAGA, 2013, p. 70). [...] Não me interessa a quem vai agradar. Eu não tenho que dar a resposta que o juiz, o advogado da parte quer ouvir. Eu sou um tradutor do vestígio para o processo (BRAGA, 2013, p. 70). [...] Muito do que se faz hoje no Brasil ele depende da fé pública e os peritos acham que...eles se acham deuses e falam o que querem (BRAGA, 2013, p. 70).

Trata-se de trechos que parecem conter indicadores de sentidos subjetivos das pessoas entrevistadas que podem levar a respostas a determinado problema de pesquisa, inclusive ao problema elaborado por Fábio. Teríamos assim um mesmo problema de pesquisa a ser estudado a partir de perspectivas epistemológicas que podem ser consideradas diferentes. Um estudo a partir da teoria de campo de Pierre Bourdieu e do conjunto de conceitos que formam a ideia de estruturas estruturadas que vão operar nas pessoas como estruturas estruturantes. Outro a partir de uma acepção de subjetividade com base numa perspectiva histórico-cultural, como nos estudos continuados por González Rey (2003). Numa noção de sujeito fincada na autonomia em Castoriadis (2007). Seriam as respostas nesses dois estudos aproximadas? Como adotar essas duas teorias numa mesma pesquisa?

Dois outros estudos fecham o rol dos quatorze trabalhos vistos para este ensaio. Um que aborda a aspectos subjetivos associados à origem e à tomada de decisões de carreira, com o qual a engenheira Graziela (DIAS, 2013) procura fazer um diálogo entre a psicologia individual e as carreiras contemporâneas. O referencial que utiliza é a psicologia individual de Alfred Adler, contemporâneo de Freud, com quem conviveu e realizou estudos. Sua discordância com a teoria do trauma sexual o levou ao rompimento pessoal com Freud, pois sua ideia era de que o mais importante eram a compensação e o interesse social. Alfred Adler atuou como médico na Primeira Guerra Mundial, depois do quê aproximou-se da dimensão do social na psicologia.

Por fim, o estudo de Tânia, que busca compreender “o discurso e as práticas de consumo dos indivíduos em relação ao próprio corpo, identificando de que modo isso se conecta à sua segurança. Para Tânia, os resultados de sua pesquisa se alinham a ideia de “que o corpo é algo importante na noção do indivíduo sobre si mesmo e faz parte de sua construção identitária” (GOUVEIA, 2013, Resumo).

Para fechar os comentários sobre esses quatorze artigos, chegamos à tese na qual trabalhamos eu e o professor Ivan, contando um pouco com a ajuda de Fernando, abordando o tema gestão metropolitana, tomando como base o conceito de configuração subjetiva de González Rey (2003, 2005), perspectiva de subjetividade que se alinha com a adotada por Clara Luísa (SILVA, 2013). Preponderantemente, a pesquisa foi feita a partir dos conceitos de subjetividade social e de configuração subjetiva (GONZÁLEZ REY, 2005; 2011), e da noção de subjetividade política (GOMEZ, Á. D.; GONZÁLEZ REY, F. L, 2012), na compreensão de que os variados espaços sociais de convivência humana,

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

como o espaço sociopolítico, não podem ser vistos de maneira segregada, já que sofrem influências de outros espaços sociais e de configurações histórico-culturais” SILVEIRA, 2015, p. 20-21).

Hernandez: Porque eles são reis do seu território.

Rogério: Reis?

Hernandez: Aí é questão cultural. É o processo eleitoral representativo nosso. É o rei de Vila Velha, é o rei de Vitória, o rei de... do estado, o rei de Brasília.

Rogério: Inclusive nem são do mesmo partido.

Hernandez: Sim. Porque eles não são de partidos, eles são reis eleitos. O povo elegeu ele pra resolver todos os problemas. E o parlamento ele dá pra qualquer vagab... Olha a incoerência. O modelo nosso de representação política é medieval. Tá? O parlamento é tão desvalorizado... ele é ruim?

[...]

Olavo: “... a mesa do CONDEVIT ... é mesa de cessão, e não de ganho”.

Em busca de compreender a subjetividade sob o enfoque histórico-cultural

A perspectiva de subjetividade, como articulada por González Rey (2003, 2005), tem a característica de construção permanente, como ele mesmo diz. Algumas de suas ideias vêm sendo adotadas no estudo de processos psicológicos em diversas áreas, como saúde, educação, esportes e outros. Nos últimos dez anos, essa perspectiva epistemológica tem sido utilizada em pesquisa na área de administração, sobre temas como voluntariado, participação no trabalho, participação pública, gestão urbana, política, ação partidária, ... (VERVLOET , 2007, SANTOS, 2008, DIAS, 2008, DEGOBI, 2009, SILVEIRA, 2010, 2015).

A subjetividade compreendida numa perspectiva histórico-cultural rompe com a visão que constrange a subjetividade ao intrapsíquico. A teoria da subjetividade em González Rey (2003, p.240), que a considera um dos possíveis desdobramentos de uma compreensão histórico-cultural do homem é uma das possíveis continuações da obra de Lev Vygotsky (GONZÁLEZ REY, 2011), se orienta para uma ideia de subjetividade “que em todos os momentos se manifesta na dialética entre o momento individual e o momento social”. Nesse processo, o momento individual é representado por um sujeito comprometido dentro de suas práticas sociais, de suas reflexões e de seus sentidos subjetivos. Essa visão da subjetividade é apoiada com uma força particular no conceito de sentido subjetivo, representando a forma essencial dos processos de subjetivação (GONZÁLEZ REY, 2003).

O sentido subjetivo não aparece diretamente na expressão intencional do sujeito, em uma sentença ou em uma palavra, “mas a partir da interpretação integrada das expressões, de seus gestos ou qualquer outra forma de manifestação” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 116). Os sentidos subjetivos são produzidos em diferentes áreas sociais e estão presentes na experiência social. A subjetividade social, entendida como sistema complexo de sentidos subjetivos, permite o estudo da sociedade por meio de diferentes processos, que em momentos anteriores do desenvolvimento da psicologia explicavam campos específicos da psicologia aplicada, muitas vezes isolados uns dos outros. O emprego de sentidos subjetivos permite produzir indicadores para a construção de conhecimentos empíricos difíceis de se alcançar, e “que caracterizam as formas mais complexas de constituição da subjetividade social” (GONZÁLEZ REY, 2003, p.216).

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

A partir dessa concepção de subjetividade, González Rey (2003) abre discussão sobre o processo de construção do conhecimento na pesquisa qualitativa e propõe o que caracteriza como epistemologia qualitativa (GONZÁLEZ REY, 1999; 2005), na qual defende o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento. Por meio da epistemologia qualitativa, busca-se compreender a pesquisa como um processo de comunicação e diálogo, já que o homem se comunica permanentemente nos variados espaços sociais de convivência. A legitimação do conhecimento ocorre por meio da construção contínua de modos de inteligibilidade sobre um problema e a construção do conhecimento baseia-se especialmente em três princípios básicos.

O primeiro tem a ver com a defesa do caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, o que implica entender o conhecimento como produção permanente, “[...] e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 5). Essa ideia procura romper com a dicotomia entre o empírico e o teórico, em que o caráter teórico da proposta nem exclui e nem relega o empírico a um segundo plano, pois o empírico é compreendido como um momento inseparável do processo de produção da teoria.

O segundo atributo na Epistemologia Qualitativa consiste na legitimação do singular como fonte de produção do conhecimento, o que implica considerar a pesquisa como uma produção teórica, teórico que não é aquele restrito a fontes de saber pré-existentes ligados ao processo de pesquisa, mas, sim, ao que se expressa na atividade “[...] pensante e construtiva do pesquisador” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 11). No tocante à generalização dos resultados, Fernando defende que

[...] o caso singular pode ter tanto valor de generalização com relação ao problema estudado como outras formas de opção populacional. [...] A investigação sob essa perspectiva epistemológica se difere daquela que enfatiza o valor da indução e da descrição como dominantes na investigação qualitativa (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 270).

O terceiro atributo geral da epistemologia qualitativa consiste em entender a pesquisa nas ciências antropológicas como um processo de comunicação e de diálogo. A ênfase dada à comunicação no processo de construção do conhecimento baseia-se no fato de que grande parte dos problemas sociais e humanos tem raízes, direta ou indiretamente, na comunicação entre as pessoas. Nesse sentido, a comunicação é um espaço privilegiado para o estudo da subjetividade e serve de via para conversão dos que fazem parte da pesquisa em sujeitos da pesquisa. De maneira geral, esses três princípios norteiam os conceitos que formam a epistemologia qualitativa.

A teoria da subjetividade e a epistemologia qualitativa foram-me didaticamente esclarecidas notadamente a partir da leitura do artigo de Paes de Paula e Palassi (2007), que discutia a possibilidade de estudo da vida organizacional como um espaço de produção de subjetividade. De fato, o espaço social organizacional, pensado como um micro espaço social, constitui-se num dos mais importantes de vivência humana e de produção de subjetividade. Em sua adoção prática, porém, muitos foram os desafios com que deparei, as dificuldades na interpretação de conceitos, equívocos, entendimentos simplistas, entre outros desafios, com que me depara até os dias de hoje. Cada leitura e cada pesquisa parece consistir permanentemente

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

... em uma busca de superação de complexidades na adoção da subjetividade em pesquisas em administração.

Começamos por falar dos indicadores, mas poderíamos começar por outro lugar. Na Epistemologia Qualitativa, o trabalho com “indicadores” é chave para o êxito na pesquisa. Não se trata de um processo progressivo e acumulado de conhecimento em torno de hipóteses. Indicadores podem ser entendidos como informações relevantes que vão sendo levantadas pelo pesquisador durante a condução e manutenção de diálogos associadas ao problema de pesquisa. Ao longo da pesquisa, por meio de indicadores, hipóteses vão sendo levantadas e afirmadas, enfraquecidas, abandonadas ou reerguidas. Hipóteses que são levantadas nos encontros com os sujeitos de pesquisas, encontros que são denominados momentos empíricos. Ao longo da pesquisa, uma série de outros conceitos vão sendo utilizados, cada qual com um objetivo, conceitos que complementam outros ou se articulam na formação da epistemologia qualitativa.

Assim, tem-se a criação do cenário de pesquisa; os momentos empíricos; os sentidos subjetivos; os indutores; os indicadores de sentidos subjetivos; as hipóteses; a criação de zonas de sentido; as configurações subjetivas; etc. Esses e outros conceitos são apresentados nos momentos empíricos iniciais aos participantes da pesquisa, momentos de criação de cenário da pesquisa. Na articulação desses conceitos é que se dá a elaboração do “modelo teórico”. O modelo teórico é construído ao longo da pesquisa e finalizado junto com o trabalho. Claro que as etapas da pesquisa precisam ser planejadas previamente e registradas num projeto de pesquisa, mas à medida que essas fases vão acontecendo, o modelo teórico vai se edificando, ficando pronto ao término da pesquisa.

González Rey (2003) considera o uso de indicadores inovação importante dentro da proposta para construção de conhecimento. O uso de indicadores para o desenvolvimento contínuo de hipóteses, o que dá lugar a um modelo teórico em constante construção e que permite a visualização, por via indireta, de informações ocultas, muitas vezes, aos próprios sujeitos pesquisados: sentidos subjetivos. Considero esse processo de produção de indicadores e de hipóteses um dos mais difíceis na pesquisa baseada na epistemologia qualitativa, mas é o que dá vida aos instrumentos utilizados. O surgimento de indicadores se dá com o emprego contínuo de indutores, que consistem na sugestão de temas previamente concebidos para dar liberdade para que os participantes da pesquisa se expressem sobre assuntos de seu interesse, mas associados ao problema de pesquisa. Os indutores facilitam a dinâmica de comunicação entre pesquisador e sujeitos que participam da pesquisa.

A importância dos indicadores não se dá na quantidade de vezes em que sentidos subjetivos emergem nas inúmeras expressões durante a pesquisa, mas, sim, na revelação significativa de um ou de um conjunto deles. Um exemplo de uso de indicadores, na pesquisa sobre participação no trabalho, por exemplo, foi o caso de uma participante que durante todo o processo de pesquisa ressaltava sua participação no trabalho e elementos que baseavam essa participação, vindo de outros espaços sociais, com o da família. No entanto, ao final da pesquisa, esses indicadores foram derrubados, por assim dizer, quando ela confidenciou sua vontade de se aposentar o quanto antes. Nesse caso, foi necessário rever, com base no princípio construtivo-interpretativo do conhecimento, indicadores levantados, além de utilizar novos indutores e descobrir ou afirmar outros indicadores a partir dessa nova expressão.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Numa outra pesquisa, exemplificada por González Rey (2003), ele menciona uma mulher que durante todo o processo de estudo exaltava a condição feminina e materna e sua felicidade com essa condição. No entanto, num dado momento da pesquisa, quase ao seu final, a participante simplesmente mencionou: mas ser pai é melhor! Outro exemplo de como uma única e breve expressão pode desmoronar hipóteses que vinham se edificando ao longo da pesquisa. Não que ela quisesse esconder essa informação, mas pode ser que ela não tivesse acesso “subjetivo” a essa informação, sentido subjetivo que vai sendo desvelado por meio do trabalho do pesquisador.

A emoção projetada em uma expressão é chave para a produção e afirmação de indicadores de sentidos subjetivos, e ela pode ser observada num sorriso, num olhar lacrimajante, numa fala mais fervorosa, numa batida de mesa, num silêncio, num modo de entrar na conversa, num gesto, entre outros modos de se expressar. O conhecimento vai sendo produzido durante todo o curso da pesquisa, tomando-se por base os indicadores de sentidos subjetivos que possam estar ocultos nas expressões dos sujeitos pesquisados. Esses indicadores são comparados e revisados permanentemente a cada momento empírico novo realizado e constituem fonte para as interpretações do pesquisador. O levantamento de informações não segue uma ordem cronológica rígida e tampouco há um momento específico para isso.

Em tabelas, foram registrados momentos e expressões que a mim me pareciam associados a sentidos subjetivos ligados ao problema de pesquisa. Esse material, as tabelas e as transcrições das expressões nos momentos empíricos, constituem espécie de relatório primário de apoio à pesquisa. Neles estão anotadas a íntegra das transcrições das gravações e categorizações que conduziram às configurações subjetivas levantadas. Os indicadores não são levantados depois de feitas essas transcrições e tabelas. Anotações, transcrições e tabelas constituem recursos valiosos para guarda e organização de informações e interpretações levantadas no decorrer do estudo.

Associados aos indicadores há outro conceito que considero dos mais fundamentais dentre os articulados no trabalho de González Rey (2003). Trata-se do conceito de zona de sentido. Os momentos propícios à emergência de zonas de sentido devem ser aproveitados ao máximo, por meio de aprofundamento nas conversas, mais discussão sobre o assunto em curso, entre outros recursos. Melhor falar em criação de zonas de sentido. Tal geração se inicia já na criação do cenário de pesquisa, quando se busca ambiente espontâneo e transparente entre pesquisador e sujeitos na pesquisa. A criação de zonas de sentidos se dá em momentos que visam facilitar a aplicação dos instrumentos de pesquisa. No caso dos dois estudos que desenvolvi, optei pela técnica da conversação individual e em grupo, mas a conversação em grupo revelou-se muito mais promissora, devido à geração de debates e diálogos difíceis de terem surgido numa conversa a dois.

Essenciais são os intervalos entre um e outro momento empírico. Nos dois projetos de pesquisa, optei pela realização de cinco momentos empíricos. O primeiro momento empírico ficou destinado exclusivamente para a criação do cenário de pesquisa, momento de conversa com os participantes sobre a teoria e a metodologia a ser empregada, sobre o tema de pesquisa e sobre o problema de pesquisa. A partir de então, são combinados com os sujeitos de pesquisa datas para os próximos encontros. Entre um encontro e outro, é necessário organizar as informações obtidas, com vistas ao registro de indicadores, de hipóteses e de categorias que conduzam a interpretação configurações subjetivas que

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

impactam o problema pesquisado. Com vistas, também, à elaboração de novos indutores, de novos temas e perguntas indutoras de conversação. Sobre o problema de pesquisa, a visão é de que ele vai se aprimorando ao longo da pesquisa.

É possível notar que à medida que os momentos empíricos são realizados, expressões e falas se repetem, sinal de que se caminha em direção ao esgotamento de indicadores. A pesquisa vai se encerrando, então, na sensação de que os resultados obtidos satisfazem o objetivo de pesquisa. As respostas ao problema de pesquisa não se esgotam completamente, claro, pois os resultados representam compreensões aproximadas da realidade escolhida pelo pesquisador para estudo, compreensões nas quais estão inseridas sua própria subjetividade. Aparece o entendimento da pesquisa como um processo de construção do conhecimento e não como estabelecimento linear de uma realidade, como defende González Rey (2005).

Sujeito e subjetividade: o longo caminho a percorrer nos estudos organizacionais

Este ensaio teórico orientou-se pela busca de compreensão de enfoques e desafios que permeiam o uso da subjetividade em pesquisas em administração, procurando entre mostrar caminhos para superação de complexidades na adoção da subjetividade, tomando-se como base minha experiência na adoção do enfoque histórico-cultural de sujeito e subjetividade. O propósito é contribuir para a troca de experiências entre pesquisadores interessados pela perspectiva da subjetividade nos estudos organizacionais, com vistas ao avanço da pesquisa qualitativa nesse campo.

Fica aqui a sugestão para que pesquisadores que adotam a pesquisa qualitativa resgatem suas experiências, seus esforços intelectuais, êxitos e dificuldades. São raros os estudos que fazem essa reflexão particular. As reflexões desenvolvidas neste ensaio mostram inúmeras complexidades envolvidas na investigação qualitativa. A adoção da subjetividade como base teórica e epistemológica nos estudos organizacionais, como mostram as dissertações e teses comentadas neste ensaio, em seus diferentes enfoques e visões de subjetividade, revela-se tarefa difícil especialmente por afastar a postura “neutra” do pesquisador, como pretendido na pesquisa quantitativa.

Esse breve panorama sobre a adoção da subjetividade em administração, combinado com o pequeno número de dissertações e teses baseadas na subjetividade ou em que ao menos aparece mencionada, mostram o quanto há para o desenvolvimento de estudos qualitativos no campo da administração. Em relação aos enfoques, podem ser destacados sua utilização: com base no senso comum dos pesquisadores sobre subjetividade; baseada numa perspectiva crítica ou em estudos marxianos; com base em conceitos freudianos; entre outros. Neste ensaio, o destaque é dado a uma vertente provinda da psicologia social, a teoria da subjetividade e a epistemologia qualitativa articuladas por González Rey (2003, 2005), proposta que vem se mostrando promissora em pesquisas em administração, como aventaram Paes de Paula e Prezotti (2007).

O que se pode observar, é que os autores dos trabalhos vistos neste ensaio preocupam-se com o aprofundamento teórico no enfoque de subjetividade que adotam, mas não a utilizam com a mesma facilidade ou a empregam com mesmo esforço na interpretação das informações levantadas em campo. Parecem colocar a subjetividade na “garupa da moto” e “arrancar a moto” rumo à pesquisa de campo, deixando cair a carona subjetividade.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

É razoável conceber que o emprego da subjetividade como base teórico-metodológica em pesquisas pode ser melhor conduzido por estudiosos da área de psicologia. Esse emprego torna-se mais difícil num campo dominado pela perspectiva objetiva, como o da administração. Com base em leituras de trabalhos baseados na teoria da subjetividade e na epistemologia qualitativa, na proposta de González Rey (2003; 2005), é possível dizer que estudiosos com formação em psicologia lidam com essas propostas em seus estudos de uma forma mais segura, o que não poderia ser diferente. No entanto, a falta de formação em psicologia não parece empecilho para pesquisadores de outras áreas, inclusive de áreas em que predomina a objetividade.

Como no caso de Ramanujan, que custou a ser levado em consideração pelos acadêmicos com quem procurou contato na Inglaterra, por considerá-lo uma possível fraude, devido ao processo peculiar com que desenvolvia seus estudos, quantos estudiosos em administração não ficaram ou ficam pelo caminho por não conseguirem espaço para a adoção da pesquisa qualitativa em administração? Ou por não conseguirem compreendê-la? E o que falar da adoção da subjetividade? Nesse sentido, a busca por compreensão de enfoques ou significados que permeiam o uso da subjetividade nessas pesquisas parece interessante para aproximar pesquisadores interessados no desenvolvimento da pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais. Assim como a compreensão de desafios e esforços necessários na lida com a pesquisa qualitativa.

O que se pode depreender dos trabalhos explorados neste ensaio e de experiências pessoais, é que os estudos organizacionais baseados na subjetividade ainda estão em seus inícios: há vasto caminho a ser percorrido. Aos que tentam participar desse percurso, é necessário a visão de que muito esforço intelectual haverá de ser despendido. “Ciência é pensamento”, costuma repetir o professor Fernando. E muito convencimento haverá de ser feito em busca de aceitação de uma perspectiva ontológica que vai de encontro ao paradigma hegemônico da objetividade nos estudos organizacionais. O uso da subjetividade requer, primordialmente, compromisso com a pesquisa qualitativa e com o caráter ontológico do ser humano fundado nos valores da autonomia, da reflexividade, da ação, da criação, da política, da emoção e da linguagem. Compromisso com o “sujeito”. Compromisso com a busca por compreensão da realidade a partir da escuta dos sujeitos.

Voltando a Ramanujan, após rever o filme e ler um pouco mais sobre sua história e seus estudos, continuei cabreiro sobre como ele conseguia “pular” cálculos e equações matemáticas intermediárias para se chegar a determinado resultado. Como desenvolveu essa capacidade? Que relações podem ser feitas com a subjetividade e se podem? Enigmas que parecem ainda não decifrados por seus pares na academia, tampouco parece ter sido decifrado pelo próprio Ramanujan. Não sei, dizia ele insistentemente no filme.

...

Já ia me esquecendo, ao final do filme, na última vez que foi indagado por seu amigo e professor que o convidara para desenvolver suas teorias na Inglaterra, Ramanujan parece ter lacrado a caixa com o enigma dentro. Com ares de espanto, tal qual o professor o perguntara, encerrou com outro enigma: Deus!

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

REFERÊNCIAS

ALVES, G. A. P. A subjetividade às avessas: toyotismo e “captura” da subjetividade do trabalho pelo capital. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2008 - 11(2), p. 223-239.

_____. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. Londrina: Praxis, 2007.

BARBOSA, K. C. **Por que a gestão da região metropolitana do Vale do Aço não sai do papel?** 2010. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

BERGAMINI, C. W.; BERALDO, D. G. R. **Avaliação de desempenho humano na empresa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1988.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRAGA, F. V. **O campo criminalístico - uma abordagem da cultura organizacional à luz da filosofia da ação de Pierre Bordieu**. 2013. 132 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Administração). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

BRANDÃO, H. et al. Gestão de desempenho por competências: integrando à gestão por competências o *Balanced Scorecard* e a avaliação 360 graus. **RAP**, 42(5):875-98, set/out. 2008.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). **Banco de teses**. Disponível em < <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>> Acesso em 20/09/2016.

BRASIL. Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGAdm/UFES). **Histórico**. Disponível em < <http://www.ppgadm.ufes.br/pos-graduacao/PPGAdm/hist%C3%B3rico>> Acesso em 18/11/2016.

BURRELL, G. Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogia da análise. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Orgs.). **Handbook de estudos organizacionais**. Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 2006. v. 1, p. 439-462.

CALDAS, M. ; FACHIN, R. Paradigma funcionalista: desenvolvimento de teorias e institucionalismo nos anos 1980 e 1990. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 2, p. 45-51, abr./jun. 2005.

CASTORIADIS, C. **Sujeito e verdade no mundo social-histórico**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.

COSTA, F. F. **Decisão estratégica para apoio à produção de petróleo utilizando o método das Trocas Justas**. 2013. 68 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Administração). Instituição de Ensino: Faculdade de Economia e Finanças do Ibmec, Rio de Janeiro.

DAVEL, E. & VERGARA, S.C. Gestão com Pessoas, Subjetividade e Objetividade nas organizações. In: DAVEL, E. & VERGARA, S.C. (org.) **Gestão com Pessoas e Subjetividade**. São Paulo: Editora Atlas, 2001. p 31-56.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

DAVEL, E.; VERGARA, S. C. Desafios Relacionais nas Práticas de Gestão e de Organização. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, jan-mar, p.10-13, 2005.

DEGOBI, R. **Sem definição abertura e informação, não pode haver participação: o caso da gestão de projetos e ações sociais nos Correios do Espírito Santo**. 2007. Dissertação. (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

DIAS, G. M. P. **Ordem de nascimento e decisões de carreira: um diálogo entre a psicologia individual e as carreiras contemporâneas**. 2013. 199 f. Dissertação. (Mestrado em Administração). Universidade de São Paulo, São Paulo.

DIAS, R. A. M. **Voluntariado empresarial: sentidos da participação**. 2008. Dissertação. (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

FARIA, J. H. de & MENEGUETTI, F. K. (2007). O sequestro da subjetividade. In J. H. de Faria (Org.), **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais** (pp. 45-67). São Paulo: Atlas.

FILHO, S. A. N. **"TIME TO LOSS": Um indicador para apoio à decisão na concessão de créditos asset-backed - estudo de caso aplicado ao financiamento de aeronaves**. 2015. 98 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Administração). Faculdade de Economia e Finanças do Ibmec, Rio de Janeiro.

GOMEZ, Á. D.; GONZÁLEZ REY, F. L. **Subjetividad política y psicologías sociales críticas en Latinoamérica: ideas a dos voces**. Universitas Psychologica, Bogotá, v. 11, n. 1, p. 325-37, Enero-Marzo, 2012.

GONZÁLEZ REY, F. L.. **La Investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos**. São Paulo: Educ, 1999.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. **El pensamiento de Vigotsky**. Mexico: Editorial Trillas, 2011.

GOUVEIA, T. M. O. A. **Corporeidade e segurança ontológica no contexto padronizador do mercado**. 2013. 185 f. Tese. (Doutorado em Administração). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

GUATTARI, F.. **As três ecologias**. 20ª ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2009.

GUIMARAES, L. V. M. **Entre o céu e o inferno: confissões de executivos no topo da carreira profissional**. 2014. 211 f. (Doutorado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

HORST, A. C., CAVALLET, L. H., PIMENTA, S. de O. & SOBOLL, L. A. (2011). Os vínculos frágeis no capitalismo flexível e o sequestro da subjetividade. In D. L. da S. FERRAZ, A. OLTRAMARI & O. PONCHIROLI (Orgs.), **Gestão de pessoas e relações de trabalho**. São Paulo: Atlas.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

LIBERATO, M. S. **De passiva a proativa: uma abordagem da atitude frente à avaliação de desempenho na administração pública. O caso do IFES campus Linhares.** 2015. 150 f. Dissertação. (Mestrado profissional em Gestão Pública) Universidade Federal do Espírito Santo.

LIMA, M. P. A evolução do trabalho operário nas indústrias de construção e reparação navais (...), in **Análise Social**, v. XVII (67-68-69), 1981 (3.º-4.º-5.º), p. 915.

LOPES, A. A. D. **A dinâmica do trabalho no Estaleiro Atlântico Sul S/A: cooperação e resistência.** 2015. 142 f. Dissertação. (Mestrado em Administração). Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa.

LOPES, F. T. **Entre o prazer e o sofrimento: histórias de vidas, drogas e trabalhos.** 2013. 190 f. Tese. (Doutorado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

LOPES, M. C. O. **Estratégias do trabalhador informático nas relações de trabalho.** 1991. 406 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PAES DE PAULA, A. P.; PALASSI, M. P. Subjetividade e simbolismo nos estudos organizacionais: um enfoque histórico-cultural. In: CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S. (Orgs). **Simbolismo organizacional no Brasil.** São Paulo: Atlas, 2007, p. 199-228.

PINTO, R. de A. B. **Elementos para uma análise categorial da objetividade / subjetividade em O capital (1867): Um aporte teórico para os estudos organizacionais Marxistas.** 2014. 140 f. Tese. (Doutorado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RIFFEL, A. C. O Sujeito de Cornelius Castoriadis e sua contribuição para o processo educativo. In: Reunião Científica Regional da ANPED. Educação, movimentos sociais e políticas governamentais. **Anais...** Curitiba, 2016.

ROCHA, G. B. **Qual é o ganho social na gestão por competências? A percepção dos funcionários de uma universidade pública brasileira.** 2015. 136 f. Dissertação. (Mestrado em Administração de Organizações). Universidade de São Paulo / Ribeirão Preto.

ROCHA, G. B. **Qual é o ganho social na gestão por competências? A percepção dos funcionários de uma universidade pública brasileira.** 2015 136 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Organizações). Universidade de São Paulo / Ribeirão Preto.

SÁ, J. A. M. **Um estudo sobre o uso da intuição como facilitadora no processo decisório em empresas familiares.** 2013. 76 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Administração). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

SANTOS, F. H. R. **Os sentidos subjetivos da participação digital no orçamento participativo da prefeitura municipal de Vitória-ES para os delegados.** 2008. Dissertação. (Mestrado em Administração Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

SILVA, C. L. O. **Subjetividades, culturas e lugares atrás das grades: um olhar para a dinâmica simbólica em um centro de ressocialização feminino.** 2013. 275 f. Dissertação. (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SILVEIRA, R. Z. **A vida na Fazenda: sentidos subjetivos do servidor fazendário frente à participação no trabalho.** 117 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

_____. -Mãe!? O mundo vai acabar...? Reflexões sobre Desdobramentos e Implicações dos Paradigmas Sociológicos de Burrell e Morgan para os Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 11, n. 4, p. 652-670, 2013.

_____. **Configurações Subjetivas na Gestão Metropolitana em Vitória – ES.** 2015. 274 f. Tese. (Doutorado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma.** Para compreender o mundo de hoje. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VERGARA, S. C.; CALDAS, M. P. Paradigma interpretacionista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 4, p. 66-72, out./dez. 2005.

VERVLOET, A. de M. P. . **Sentidos subjetivos da participação do mesário voluntário nas eleições.** 2009. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Espírito Santo.